

III JOGOS INDÍGENAS DO PARÁ 2006-10-06

Aprendendo Sobre Valores Humanos

No mês de Agosto de 2006 em pleno Verão amazônico, sob intenso calor da cidade de Conceição do Araguaia, a praia das Gaivotas se torna a arena de uns jogos que são um convite ao CONTATO, não à competição. É que jogos indígenas têm a ver com tradição, espiritualidade e cosmovisão. Para eles não há times e sim clãs:

Nesta semana reuniu-se uma pequena representatividade de povos paraenses, já que o Estado guarda pelo menos 40 etnias - a maior concentração populacional indígena do Brasil.

Eram cerca de 600 indígenas – línguas, pintura corporal, adornos, artesanatos, danças, cantos, rituais, enfim, identidades absolutamente diferentes, ricas e ao mesmo tempo tão desconhecidas, se encontrando, fazendo CONTATO entre si e entre os não-índios.

Do Pará:

- Aikewara – São Geraldo do Araguaia
- Araweté – Altamira
- Asurini do Xingu – Altamira
- Asurini do Tocantins – Baião e Tucuruí
- Gavião – Bom Jesus do Tocantins
- Guarani – Jacundá
- Kayapó Gorotire – Redenção
- Munduruku – Jacareacanga
- Parakanã Apyterewa – Senador José Porfírio
- Parakanã do Tocantins – Novo Repartimento e Itupiranga
- Tembé – Paragominas
- Xikrin do Cateté – Ourilândia do Norte
- Wai-Wai – Oriximiná

Convidados:

- Matis – Estado do Amazonas
- Terena – Estado de Mato Grosso do Sul
- Xerente – Estado do Tocantins

Em pleno século XXI está mais do que na hora da chamada civilização moderna, deixar de ver e tratar os povos tradicionais com exotismo, distanciamento ou preconceito. Esses povos, formadores da alma brasileira, têm muito a contribuir não apenas para a elevação da auto-estima do homem na atualidade, mas principalmente para a vivência de valores humanos, da criatividade e do respeito ao meio ambiente, tão imprescindíveis, para que a vida na Terra continue sendo possível para as próximas gerações.

As “armas” do guerreiro de hoje são o 00 e o 01 – símbolos da tecnologia. Só que na visão indígena, esta tecnologia precisa estar conectada ao coração da Terra. Respeito aos ciclos da natureza; reverência aos elementos – Água, Terra, Fogo e Ar, reconhecendo neles as várias inteligências inerentes ao homem: Água – sentimento; Terra – sensação; Fogo – intuição; Ar – pensamento. Revelando então, a necessidade de desenvolvimento conjunto dessas qualidades, para a volta à unidade - perdida na fragmentação do paradigma cartesiano que pauta o mundo “civilizado”.

Dançar, cantar, tocar um instrumento para os indígenas é medicina, a arte é consequência. A expressão do sagrado, se manifesta naturalmente. São práticas, hábitos, costumes que não estão escritos, estão na cabeça deles, foi aprendido com os velhos.

Os jogos tradicionais indígenas equilibram, dão saúde mental e espiritual. O perigo é que hoje ao invés de praticarem seus jogos, cantar e dançar, eles querem o futebol. E os jogos dos não-índios mais separam do que unem.

As mães jamais se afastam de seus filhos, ainda que de colo, em qualquer circunstância. As crianças desfilam, dançam e participam da rotina seja na aldeia ou em celebrações, como os Jogos Indígenas, com a serenidade de quem sente-se absolutamente cuidado-a e protegido-a. Aliás, o indígena, tem a maior reverência pela Mãe, reconhecendo-a também na Terra e dela tratando com o amor, o respeito e a sacralidade que merece quem dá a LUZ. Não só aos homens e mulheres, mas às plantas, animais e todos os seres paridos e nutridos por essa Grande-Mãe.

Façamos então, CONTATO, para reaprender!